

ORGANIZADORES

ADAILSON COSTA

LIU MOREIRA



GRACA VELOSO

Universidade de Brasília
Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - CEN/IDA

CARTAS DE MINH'ALMA

**Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa
dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira**



UnB

Brasília-DF

2025

© 2025 Jorge Das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Licença creative commons:



1ª edição

Universidade de Brasília

Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Campus Universitário Darcy Ribeiro, Complexo das Artes, Bloco A Sala A1

CEP: 70.910-900, Asa Norte, Brasília-DF, Brasil Contato: (61) 3107-6134

Site: www.ppgcen.unb.br

E-mail: secretariapgcen@unb.br

FICHA TÉCNICA

Organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira Siqueira.

Revisão: Christina Velho

Projeto Gráfico e Diagramação: Djanine Denise de Miguel Silva

Editora: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/IdA/UnB

Bordados e capa: Maria Oliveira Villar de Queiroz

Fotografias: Pardal

Finalização de capa: Djanine Denise de Miguel Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília - BCE/UNB)

C322 Cartas de minh'alma [recurso eletrônico] /
 organizadores: Jorge das Graças Veloso, Adailson
 Costa dos Santos, Liubliana Silva Moreira
 Siqueira. – Brasília : Universidade de Brasília,
 Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas,
 2025.
 177 p. : il.

 Modo de acesso: World Wide Web.
 ISBN 978-65-88507-12-4.

 1. Artes cênicas. 2. Cartas. I. Veloso, Jorge
 das Graças (org.). II. Santos, Adailson Costa dos
 (org.). III. Siqueira, Liubliana Silva Moreira
 (org.).

 CDU 792

memória afeto escuta diferença foco persistência
planetary cura
chegada despedida pertencer acalma
tralidade amor espaço tempo escreve
artista
teatro
memória
ngição p
nto chega
estralidade amor
artista
teatro
memória afeto escuta diferença
planetaria cura pers
despedida pertencer
tempo

CARTAS DE MINH' ALMA

AMIGA LEITORA E AMIGO LEITOR

Gostaria de te convidar para um passeio. Um caminho que te levará para lugares bem pessoais de cada um dos autores deste livro. Nossa intenção aqui nunca foi fundar conceitos, problematizar teorias e inventar tratados. É tudo muito mais simples e acolhedor, como uma conversa entre amigos no fim da tarde com uma xícara de café. Aqui queremos dizer quem somos. Aqui você verá cicatrizes, feridas abertas, sucessos, dúvidas, angústias, incertezas. Aqui você entenderá nossos dois principais propósitos. O primeiro é aceitar como é delicado e gentil o exercício de se perceber no passado e compreender como sua pesquisa foi se desenvolvendo. Isso nos ajuda a respeitar nossos processos e sermos gentis com nossos avanços que muitas vezes não enxergamos. O segundo propósito é postular a respeito da importância de nos colocarmos enquanto potências afetivas em nossos trabalhos. Somos seres pensantes, mas somos também seres moventes, sofrentes, delirantes e delicados. Um salve à magia de reconhecer que estamos inteiros presentes em nossas pesquisas, no mais íntimo do que somos.

Então pegue algo para beber e sente-se com cada um de nós para conversar.

Um abraço.

Graça Veloso
Adailson Costa
Liubliana Moreira

SUMÁRIO

GRACA
VELOSO

8

ADAILSON
COSTA

20

LIUBLIANA
MOREIRA

34

52

ADA
LUANA

ADRIANA
LODI

64

76

BARBARA
BENATTI

DANILO
MOTA
LINO NILO

102

BELISTER
ROCHA

88

GABRIEL
GOELHO

130

DEBÓRA
VIEIRA

118

KLEBER
BUENO

142

LUCIANA
GRESTA

154

MARIA
VILLAR

168

*“Envergonhado,
escondido, chorei...”*

Graça

*“Você tem minha
admiração sabia?”*

Adailson

*“Na incerteza crie!
‘Pausa’”*

Liu

REALMAR E CELEBRAR
TENCER SENTIMENTOS

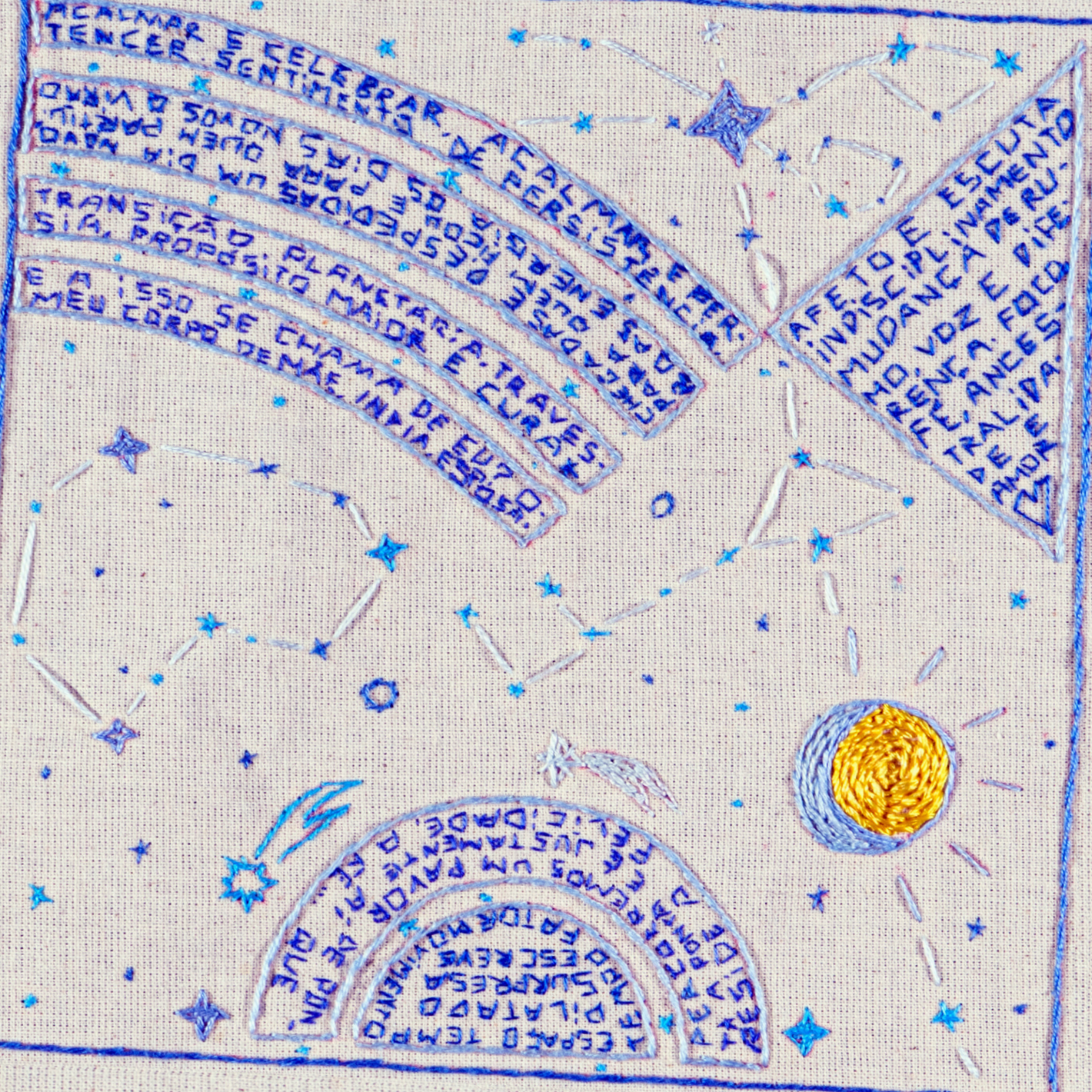
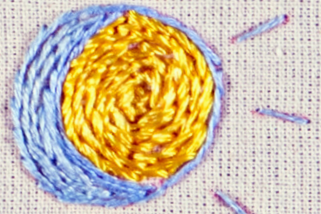
UMA D SODON SWID DE A CALMANE PER.
TIBVO SOADN SWID DE A CALMANE PER.
DADA WID WU SWID DE A CALMANE PER.

TRANSICAO PLANETARIA TRAVES
SIA, PROPOSITO MAIOR E CURA

E A ISSO SE CHAMA DE EU? O
MEU CORPO DE MAE, INIA, ESCOLA.

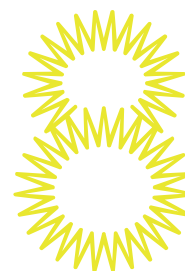
AFETO E ESCUTA
INDISCIPLINA PERU
MUDANCA E COLA
VON ANCELA
TRABALHO
TAR

ESTRELA FORNIDA PARA JUSTAMENTE
ESPALDAR O MOVIMENTO
DILATADO
ESCREVA
FIDELIDADE
DE PUNTO



JORGE DAS GRAÇAS VELOSO

Graça Veloso (Jorge das Graças Veloso) é Ator, Diretor Teatral, Dramaturgo. Fez Estágio Pós-Doutoral em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás – UFG, é Doutor em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia - UFBA (2005) e Mestre em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia (2001). É professor Associado na Universidade de Brasília - UnB., atuando na graduação e nos Programas de Pós-Graduação em Artes Cênicas e Mestrado Profissional em Artes – PROFARTES. É autor de *Bendito Divino Consagrado: velhos mestres e novos foliões*, pela Trampolim Editora; *A Visita do Divino: voto folia festa espetáculo*; *Benedito: imaginário e tradição no interior de goiás e o teatro gestual da cia dos homens*; em parceria com Jove Benedito Veloso, *Memória recontada*, todos publicados pela Thesaurus Editora, em parceria com Luciana Hartmann, organizou *Pedagogias do Teatro: práticas e reflexões*, pela Editora da UnB.



DE MEUS SONHOS FIZ TRAJETO

Brasília, 01 de julho de 2021.

Querido Jorginho,

Quem lhe escreve estas mal traçadas linhas é você mesmo, de seu futuro, exatamente no dia em que completará 70 anos de idade. Você pensa que irá viver tanto? Pelo que me recordo, não. Quando estiver aqui escrevendo, você terá visto, percebido e feito coisas, vivido relações e ido a lugares que, nestes seus sonhadores 10 anos de idade, jamais imagina. Você que, vivendo neste inesquecível “ranchinho” de pau-a-pique, coberto com folhas de buriti, corre livre pelos campos da Fazenda Aleluia, toma banho nu nas corredeiras e remansos do Ribeirão Palmital, e pesca lambari no Córrego Taquaril.

Você faz lacinho de armadilha para pegar mutum e jacu, chupa gabioba, colhe cajuzinho e cata pequi nos cerrados ainda intocados de Goiás. E, nas lembranças que minha memória escolhe para romantizar uma infância que, apesar das dificuldades, carências e dores, você sabe viver o seu presente como se fosse um tempo de muitos momentos de alegria e encantamento.

Encanta-se com o canto dos urutaus, dos canários se banhando na biquinha do quintal, o piar da jaó no entardecer, as juritis ciscando na mata e o luar, percebido como beleza nos céus e como indicador dos tempos de pescar, cortar o cabelo, podar as fruteiras, bater a palhada¹, plantar e colher. E presencia, nas noites de medo de assombração, bolas de fogo descendo pelos cerrados da serra e escuta, esperançoso, a mãe contar o sonho. Ganhou

1 “Bater a palhada” é como são chamados, no interior de Goiás, os trabalhos de limpeza da “roça” manual, no intervalo entre uma safra e outra, preparando a terra para o plantio que se dará na chegada do período das águas. Não confundir com a derrubada das matas, o que é feito no primeiro ano da lavoura.

uma botija de ouro!... enterrada em algum lugar pelo antigo morador do lugar. Durante toda sua vida essa história será presente, assim como o pavor com que escuta o pai contar do encontro que teve com o “Coisa Ruim” ao voltar da cidade, tarde da noite.

Jorginho (assim sua família irá tratá-lo para sempre), na sua simplicidade de menino que vive nos Brasis de dentro, como dizem meu queridíssimo amigo Jota Bamberg e minha amada amiga Alice Fátima Martins, não sabe ainda das consciências que terá sobre a vida, as estruturas de apartação social, racial e de gênero, que chegarão aos poucos, com o passar dos anos. E que um dia lhe farão ter uma noção ética dos lugares que você estará vivendo quando rabiscar estas letras.

Vai demorar, mas chegará um tempo que irá compreender este lugar de privilégios que você sempre ocupará por ser branco, homem, heterossexual e classe média. Saberá que viver num país em que as relações se dão por caminhos do racismo, das LGBTQIA+fobias, do patriarcalismo, dos etnocentrismos diversos, existem muitos grupos sociais que são sempre subalternizados por serem quem são, e o que são. E pode ter certeza, pequeno menino, que será de muitas dores a descoberta de que, muitas vezes, você se beneficiará de muitos destes privilégios que o lugar ocupado por você irá proporcionar. Mas a consciência chegará, e você, depois de muita terapia e muita leitura sobre estes temas, terá que aprender também a se perdoar. Não se desespere, este dia surgirá para você nos muitos embates que a vida irá lhe fazer experimentar.

Eu me lembro dos tempos em que você irá decidir que precisará “vencer na vida” para mudar a história de nossa família. E, obstinadamente, este pensamento será definidor do seu futuro. Durante muito tempo, até sair da linha da pobreza profunda, que continua castigando milhões de pessoas neste Brasil do terceiro milênio, “vencer na vida” tinha para você um caráter muito materialista, pragmático. Palavras que você nem conhece ainda, mas que terão significados profundos em sua existência. Compreensível, pelas carências enormes que você irá experimentar.

Mas um dia, quando as suas necessidades básicas (e as de sua família) estiverem supridas, você terá alguns encontros determinantes. Primeiro o Teatro surgirá em sua vida quando, aos 23 anos, ao assistir pela primeira vez a um espetáculo. Você verá *O que mantém um Homem vivo*², com Esther Góes e Renato Borghi, casal de artistas que irá lhe marcar para sempre pois, ao sair do teatro, bestificado pelo que viu, você definirá: “eu quero viver disto”. Esse será o fio condutor para outro encontro: pouco tempo depois, quando estiver se graduando em Comunicação Social, você conhecerá Chico Expedito e Vera Lia. Mais um casal que será referência, não só artística, mas também de afetos.

Críticos, irônicos, às vezes ácidos, até cruéis com a sua simplicidade roceira, fundarão o Grupo Katharsis, com você e mais alguns amigos para sempre, marcadamente Marisa Carvalho (depois Castro) e, posteriormente, Sérgio Vianna. Você irá mergulhar nos fazeres deste seu primeiro grupo de Teatro. Por muitos anos será um ator stanislavskiano, depois brechtiano (você nem sonha o que é isso!), até que, algumas décadas depois se encontrará com Armino Jorge de Carvalho Bião. Este será seu orientador de mestrado e doutorado. Mais que isto: de 1999 até 2013, quando deixará uma lacuna ao desaparecer prematuramente, será uma espécie de amigo/mestre nos meandros da Etnocenologia (palavrão para você, não?).

Um dia, depois de acreditar por muito tempo que “viver de teatro” seria criar meios de sobrevivência somente com as produções artísticas, você descobrirá que é muito mais que isso. “Viver da arte” será para você uma permanente produção ética, estética e política, tanto nos 21 anos que você viverá como professor de Artes Cênicas na Faculdade de Artes Dulcina de Moraes (legado de uma grande atriz brasileira), quanto quando você se encontrar em novos rumos na Universidade de Brasília. Quando ali você estiver atuando, por causa da Etnocenologia, você será convidado para um Colóquio Internacional em

² Em 1973, recém-saídos do Teatro Oficina, Renato Borghi e Esther Góes protagonizaram a peça-manifesto *O que Mantém um Homem Vivo?* baseada em obras do Bertolt Brecht como *A Alma Boa de Setsuan* (1941), *Galileu, Galilei* (1943), *Terror e Miséria no Terceiro Reich* (1938), *Ópera dos Três Vinténs* (1928) e *Ascensão e Queda da Cidade de Mahagonny* (1930). Leia mais em: <https://vejasp.abril.com.br/atracao/o-que-mantem-um-homem-vivo/>.

Paris, em 2013. Ao retornar você produzirá um pequeno texto reflexivo sobre o que isso significará para você. Esse texto segue aqui reproduzido:

Eu fui ao Louvre...

E hoje, diante da Joconda chorei... Envergonhado, escondido, chorei... Não que, das obras de arte, seja a Monalisa a que mais me toca, que tem Vitalino, Mestre Eurico, Marliete, Carlinhos Babau, Tião Carreiro e Belmonte, que criou Cheiro de Relva, e tem os impressionistas que me emocionam. E misturadas aos pingos da gélida chuva, andando nas ruas, parado na ponte, por sobre o Sena de tantos falares, lágrimas quentes continuei a chorar. E me perguntei: quem me trouxe aqui? Meu trajeto, eu sei... Foi ele quem me trouxe aqui. Exatamente aqui, que parece receber gente e olhares do mundo inteiro. Mas essa trajetória quem fez? Claro que eu fiz...

Mas quando me lembro do rancho de pau-a-pique, coberto de folhas de buriti, eu sei que quem me trouxe aqui, segurando em mãos trêmulas, foi Dona Zalfa... Sim, que foi ela, na luta e na esperança, nas dores e nas crenças, na fé e na oração, na alegria do trabalho, que aqui veio comigo... Que um dia, tenho certeza, foi ela que este caminho, com linhas e retroses, com lágrimas e dores, as mesmas dores que eu tive, as mesmas dores que dei, mas as mesmas alegrias, as vitórias de cada dia, foi ela, com seu passo incerto, sem saber pra onde ia, que veio na frente, trôpega, mas, com certeza, feliz... Agradecendo a cada dia, a Deus e Nossa Senhora, por este dia chegar, de num lugar como este, ver de perto, mesmo sem aqui por esses corredores passar, ver seu filho amado chegar.

Sim, sem dúvida, diante do altar, que todos parecem orar, pra uma Madona secular, que nem consigo direito enxergar, mas pelo sentido que tem, pra tanta gente sonhar, foi ela, Dona Zalfa quem me trouxe até cá. E chorei. Revendo cada um de vocês meus irmãos tão distantes e meus filhos com suas dores, envergonhado, chorei. Que nem sei este retrato contemplar, como todos obrigam fazer, mas pelo que é, por onde está, pelo que dizem ser, envergonhado, chorei, somente por aqui chegar. E nem creio ser por mim, mas por ela,

que junto comigo, até hoje chora por ele, meu pai que sempre pedia proteção ao Divino Pai Eterno, e pela falta que ele faz.

Quem me trouxe aqui, me pergunto pr'arrematar. Foi a Fati, ele responde de algum lugar... Foi ela, meu filho, que sei o que fez, somente por tanto amor, que ela sempre teve para dar. Foi ela que vi, em noites insones, num pedal a badalar, camisas, calças, saias, vestidos e blusas, com mãos de quem sabia que conduzia, e sonhava que um dia isto iria concretizar... O sonho de ver, mesmo sabendo de Marliete, dos mestres de cantoria, de catiras e benditos, de tanta coisa a me rodear, foi ela quem teve o sonho de ver um filho tão longe chegar. Eu nunca tive tanta certeza de que, com o amor que levei tanto tempo pra entender, quem estava ali, diante de uma Madona enclausurada, nem era eu. Eram elas, as mães... E Dona Zalfa, com seu terço a rezar.

E você verá, Jorginho, que este texto continuará sendo meio que referência tanto nos diálogos proporcionados pela Etnocenologia, que preconizam as trajetórias pessoais como fundantes para as pesquisas, quanto em suas relações pessoais. Verá que essa Etnociência (mais um palavrão!) será revolucionária em sua vida. Como irá compreender um dia, quando escrever, citando Jean-Marie Pradier, que “a Etnocenologia é uma disciplina maravilhosa”. Ela, a Etnocenologia, foi criada para retirar as pesquisas cênicas de uma espécie de “teatrocentrismo”, em que todas as artes do espetáculo e todos os ritos espetaculares, folguedos e brinquedos cênicos, eram estudados a partir das referências teatrais.

A partir de sua formulação, quem a abraçou como referencial de investigação passou a tratar as regras gerais de cada manifestação como sendo próprias de cada uma delas. Como você falará também em outros escritos, novamente dialogando com Armindo Bião. São noções, proporcionadas pela Etnocenologia, de que suas aproximações se dão antes de tudo pelo diálogo e pela escuta. E é essa escuta, sensível, que nos leva a adotar, como pressuposto básico e fundante, o reconhecimento de que cada indivíduo e cada grupo social ocupa o lugar que ocupa por direito, inalienável, inquestionável e intransferível.

Daí advém o exercício de seus lugares de fala. Ao expor aspectos que diferenciam a Etnocologia de outros conjuntos de saberes e metodologias, Armindo Bião explicita o que os aproxima:

[...] *Mesmo discordando dos aspectos generalizantes vistos, por exemplo, nos Estudos da Performance, ou na polissemia da própria palavra, ele elenca um conjunto de posturas que, hoje, compreendo como sendo a base para o reconhecimento da alteridade, preconizado por todos eles. Prefiro também denominar o artista do espetáculo, ou o participante ativo da forma, ou arte espetacular, com as palavras usadas pelos próprios praticantes dos objetos de nossos estudos, quando se autodenominam atores, dançarinos, músicos, brincantes, brincadores, sambadores e outros. Prefiro sinceramente isso a usar outras palavras já sugeridas: performer, actante, ator-dançarino ou ator-bailarino-intérprete, por exemplo. E à palavra performance, tão polissêmica (Cohen 240-243), prefiro, sempre, usar espetáculo, função, brincadeira, jogo ou festa, conforme quem vive e faz chama aquilo que faz e vive (BIÃO, 2011, não paginada).*

Ao que você ainda, em outro momento, escreverá acrescentando: “Para as narrativas da alteridade, os saberes e fazeres culturais, na sua pluralidade, são reconhecidos por suas falas internas, formuladas pelos próprios fazedores. Neste universo, onde reconheço que se localizam as proposições da Etnocologia, para as artes cênicas, da Etnomusicologia, para a música, e da Cultura Visual, para as Artes Visuais, cada prática se constitui por uma lógica interna e por elementos constitutivos singulares a cada uma delas. Aqui, como não se formula um pensamento generalizante, cada manifestação é estudada a partir de seu interior e do que compreendem que estão fazendo os seus fazedores. E as referências teóricas são todas as que possibilitam os diálogos a partir deste deslocamento do lugar de fala.

Finalmente, me estabelecendo nesse último grupo, de reconhecimento do direito que o outro tem de exercer sua própria narrativa, levanto a questão da utilização de léxicos

próprios a cada fazer e a cada grupo de fazedores. Inegavelmente, toda e qualquer manifestação expressiva humana, seja ela tradicional (das antigas ou das novas tradições) ou não, tem um léxico próprio, que é capaz de dar conta de tudo que lhe diz respeito. Não estou, com isto, negando o direito que seus fazedores têm de incorporar definições de outras áreas. O que estou afirmando é: o que melhor define o saber e o fazer de cada grupo cultural é o léxico adotado por eles mesmos”.

E será assim que, tendo este novo campo de saberes como seu aporte teórico-metodológico, você retomará sua trajetória de encantamento com os fazeres de sagração para mergulhar numa interminável pesquisa sobre as Folias do Divino Espírito Santo. Sobre isto, um dia, em sua tese de doutoramento, você irá escrever que “O local é o entorno goiano do Distrito Federal, nos municípios de Novo Gama, Santo Antônio do Descoberto e Luziânia, tendo como ponto de partida e de chegada o primeiro, em terras do que foi um dia o julgado de Santa Luzia, por muito tempo conhecida como “das marmeladas”. O fato é que, por volta do 20º dia do mês de maio, há aproximadamente 30 anos, centenas dos moradores das mais diferentes moradias da região, das mais pobres às mais ricas, têm a sua rotina alterada por um acontecimento longamente esperado.

Rompendo com o ordinário de seu cotidiano, várias fazendas e sítios recebem, durante mais de 10 dias, duas bandeiras vermelhas, cada uma com uma pomba branca pintada no centro. Elas são conduzidas por homens e mulheres que rezam, cantam e pedem esmolas em nome de uma santidade sempre presente nas invocações de um grupo muito especial de fiéis, os devotos do Divino Espírito Santo. Assim, com o nome de Folia do Divino, esta é uma procissão precatória, votiva e rogatória, que vai de casa em casa nas cidades do interior, em bairros de algumas metrópoles, e, como no caso aqui visto, no meio rural de várias regiões do Brasil”.

Nas Folias do Divino Espírito Santo, além da própria descrição do fenômeno, que se dará durante seu doutorado, você se debruçará sobre os processos de substituição dos velhos mestres por novos foliões. Isto se dará num Estágio Pós-doutoral na Universidade Federal

de Goiás, sob a supervisão da amada Alice Fátima Martins; pesquisará sobre os cantórios nos velórios dos foliões; sobre o papel das mulheres folionas e sua atuação em funções de obrigação; sobre a presença das crianças; sobre o poder da imagem nas relações de pertencimento ao grupo, e sobre o encantamento dos afetos que os participantes sempre demonstrarão ao exercitarem seus saberes e fazeres para estar juntos.

E será ainda a Etnocologia que lhe trará a este lugar de organização deste livro, com o querido Adailson Costa e a querida Liu Moreira. Que assim se dará: no ano pandêmico de 2020, quando toda a Escolarização no Brasil se fazia de forma remota, caberá a você a oferta de uma disciplina a doutorandos e doutorandas do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – PPGCEN/UnB. Agradecendo à colega Fabiana Lazzari, que irá falar dos trabalhos epistolares, você fará a seguinte sugestão: “escrevam uma carta endereçada a vocês mesmos/as no remoto passado de suas infâncias”.

E, assim feito, caberá a você, no seu distante futuro, o difícil papel de falar. Sucintamente, do que cada pessoa terá escrito e oferecerá à leitura. Você verá que será um grande privilégio compartilhar este Cartas de Minh’alma. Espere, viva sua vida e, quando chegar a hora, deleite-se com a beleza dos escritos produzidos por pessoas de tantos afetos.

Ada, ou A Coisinha, escreverá uma carta sobre o fato de que nem sempre as coisas mais fáceis são as mais belas. Sobre as várias travessias de portais e sobre as migalhas de pão que deixamos marcando o caminho. Sobre ser mãe e ter medo de não ser mais você mesma. Sobre ir quebrando tudo na trama do drama e da academia.

Adailson escreverá para seus medos, os medos que chegaram, os que vem e os que foram. Falará sobre sua voz, uma voz que não para de dizer nunca, mas que sempre para de falar quando precisa. É sobre as amarras que rompeu para chegar à vivência da tese de doutorado, mas também é sobre silenciamentos, dores, experiências, perdões. E muita trilha sonora.

À deriva, **Adriana** nos conduzirá pela expedição das suas experiências artístico pedagógicas. As expedições de como as artes cênicas entraram na sua vida. Ela nos mostrará que, pelos caminhos das práticas compartilhadas horizontalmente, o mundo mudará. E, entortando a grafia, criando atos autobiograficcionais, ela nos levará aos dilemas das redes e do ofício de uma docência performativa e sua potência transformadora de vidas e encantamentos.

Bárbara, numa carta potente e emocionada, numa quase homenagem a Cida Lopes, refletirá sobre sua internalização da defesa dos feminismos. Entre Dark e os atravessamentos que a ida ao campo nos trazem, emergem a Mamulengo Terapia, a Aromaterapia e as Ervas Medicinais para entender e lidar com as demandas, medos, incertezas.

O tempo conduz **Belister**, desde menina, a percorrer a pé seus caminhos. Nessas andanças, encontra uma flor vermelha entre os escombros, o que a faz a mulher-esqueleto que vai trabalhar na carreira do magistério com os estados corporais em processos criativos. É um traçado pontilhado com algumas lágrimas que trazem à tona suas percepções expressivas das corporeidades em permanente movimento.

Uma carta em trânsito a caminho do seu destinatário, Vianinha, nos trará **Danilo** que relatará um sonho que se inicia com sua chegada à capital do Brasil, o que o faz sonhar e trazer à tona sua angústia ao escrever, ser e sonhar sua tese. Uma tese que ao mesmo tempo é abismo, é lacuna sem explicação. Danilo é sua própria tese ao avesso, numa citação incomodada, seca, reta, torta, com narinas desidratadas e famintas.

Debora, de forma bem-humorada, fará referência ao filme *De volta para o futuro* para informar que trazia em seu relato boas e más notícias, além de contar um pouco sobre o andamento da sua pesquisa do doutorado. Uma verdadeira viagem no tempo. Debora escolherá a frase “Porque eu só preciso de pés livres, mãos dadas e olhos abertos”, de Guimarães Rosa, para nortear sua carta, e assim vislumbrar o movimento de vida que permeia sua pesquisa de doutorado até o momento de sua missiva.

Gabriel relatará, em belas palavras, a lembrança saudosa dos momentos em que atravessava seu portão, sem medo, com desejo, ambição, pretensão e coragem. Sou rotina diária ao fim da tarde para pesquisar, estudar e espetacularizar números de malabarismo com tochas nos semáforos de trânsito da capital goiana antes do início da pandemia de Covid-19. Gabriel nos trará ainda um rico debate sobre a dramaturgia circense como uma linguagem que explora habilidades físicas extra cotidianas para provocar o jogo entre artista e público.

Estudos, exercícios, leituras, escritas e práticas de pesquisa, será o caminho escolhido por **Kleber**. Ele afirmará como são salutares e impulsionadores estes atravessamentos e suas polinizações, ainda que alguns destes estudos se distanciem dos objetivos inicialmente traçados. Optará por revisar e recapitular de forma cartográfica as produções concretizadas a partir de oscilações entre carta, poesias, relatos, resenhas, protocolos, inventários, ensaios visuais, notações, produções audiovisuais e sínteses teóricas.

Liu trará à tona o movimento dançante de um corpo feminino em crise. Através de seu corpo-casa ela se abre, tenta perder o controle, se deixando experimentar. E o corpo, rizomaticamente, se percebe em um ninho. Esse corpo que todo dia faz tudo passou a também tecer ninhos, criar ninhos, encontrar ninhos e experimentar ninhos. Tudo isso junto às meninas e mulheres suceiras de Natividade, cheias de seus saberes e fazeres que ocupam de sentido os desertos, os silêncios e os vazios que o mundo passará em 2020.

Falando à “querida e pequena Lu”, de forma poética e muito sensível, **Luciana** nos emocionará com sua trajetória de vida. Apesar de todas as dificuldades ela “sonha com a beleza e o encantamento que somente olhos tão esperançosos, como os seus, são capazes de sonhar”. É duro descobrir que a vida não é aquele conto de fadas que tantos de nós imaginamos, mas ficará claro ao longo de sua carta o tamanho da garra e da força daquela pequena Lu.

Assim começará **Maria**: “eu também sou Maria Villar. Escrevo uma carta para mim, mas ao contrário do Mestre Mario, não consigo escrever esta que segue me tratando por

você”. De forma crítica, Maria nos trará um desabafo relacionado às questões político-sociais e econômicas vivenciados pelos Brasil em meio à crise pandêmica da Covid-19. Ela nos trará a dificuldade de dar continuidade e se questionará se a pesquisa sobre a Tolda, a Roda e o Estandarte, não deveria ser colocada de lado e a vida ser vivida à indignação.

Querido infante de mim mesmo, quando você estiver lendo estas cartas, de pessoas tão queridas e de tantos afetos, você talvez venha a compreender um pouco melhor a trajetória, difícil, mas feliz, que você irá traçar ao longo da vida.

Com muita saudade,

Graça Veloso.

AUTORES E AUTORAS

Graça Veloso

Ada Luana Rodrigues de Almeida

Adailson Costa dos Santos

Adriana Ferreira Coelho Lodi

Barbara Duarte Benatti

Belister Rocha Paulino

Danilo Henrique Faria Mota

Débora Cristina Sales da Cruz Vieira

Gabriel Coelho Mendonça

kleber damaso bueno

Liubliana Silva Moreira Siqueira

Luciana Maria Rodrigues Gresta

Maria Oliveira Villar de Queiroz



Este livro foi patrocinado pela Chamada Simplificada 02/2020 de Apoio à produção, revisão, tradução, editoração, confecção e publicação de conteúdos científico-acadêmicos e de divulgação das atividades desenvolvidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade de Brasília.

ADA LUANA RODRIGUES DE ALMEIDA - ADRIANA FERREIRA COELHO LODI - BARBARA

MARIA VILLAR DE QUEIROZ

LUCIANA MARIA RODRIGUES GRESTA

DUARTE BENATTI - BELISTER ROCHA PAULINO - DANILLO HENRIQUE FARIA MOTA

GABRIEL MENDONÇA - KLEBER DAMASO BUENO

DEBORA C



ISBN: 978-65-88507-12-4



CDL

6 789588 421705